

ENTREVISTA

Na chegada a Madri, no dia 29 de outubro, Nélida Piñon aceita falar para a *Revista de Estudios Brasileños* no hotel onde permanecerá algumas horas antes de regressar ao Rio de Janeiro. Depois de uma viagem de três semanas por Portugal, onde foi membro do júri do Prêmio José Saramago, e na Espanha, por Catalunha e Galiza, a escritora não pode ocultar a fadiga, mas sua bondade a supera e sabe responder a cada uma das perguntas com um sorriso amável, com uma frase certeira que se redondeia como anel enredado no ar.

Ficaram para trás as apresentações do seu último livro em Barcelona na companhia de Carme Riera ou em Galiza, onde recebeu aplausos e homenagens, especialmente, no *Concello de Cotobade*, lugar de origem de sua família, na entrega do prêmio “Nélida Piñon”, instituído pela localidade, assim como a inauguração da *Casa do Povo* que levará seu nome. A escritora brasileira não pode disfarçar sua felicidade, seu orgulho de descendente de emigrantes que recupera, depois de várias gerações, o reconhecimento na terra dos seus ancestrais. Antes de começar nossa conversa combinamos que, da mesma maneira que fazia com sua querida Carmen Balcells, eu falaria em espanhol, enquanto ela o faria em português.

Nélida Piñon foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, entre 1996 e 1997, da qual é membro desde 1989. Pertence, entre outras instituições, à Academia das Ciências de Lisboa, que garante a pureza da língua portuguesa e arbitra sobre sua expansão nos quatro continentes. É também a única brasileira nomeada Sócio Correspondente da Real Academia Espanhola, cujo objetivo é harmonizar as línguas espanholas da Península e das Américas. Este ano, Nélida Piñon teve a honra de ser titular da Cátedra José Bonifácio do Centro Ibero-americano da Universidade de São Paulo, sucedendo o político e economista uruguaio de origem espanhola, Enrique Iglesias, e o ex-presidente do Chile, Ricardo Lagos. A escritora, autora de aproximadamente três dezenas de livros, entre obras narrativas, ensaio, memórias e aforismos, recebeu prêmios tão importantes como o prêmio Gabriela Mistral, no Chile; prêmio Jorge Isaac, na Colômbia; prêmio Rosalía de Castro, na Espanha; prêmio Internacional de Literatura Latino-americana e do Caribe Juan Rulfo; prêmio Internacional Menéndez Pelayo; prêmio Príncipe de Astúrias das Letras; prêmio Casa das Américas; prêmio *Women Together* ou o prêmio *El Ojo Crítico*, entre muitos outros. Não obstante, todas estas distinções pelo seu trabalho como escritora e pensadora não impediram que continuasse sendo uma pessoa simples, sempre atenta à situação dos que lhe rodeiam e dos que, ocasionalmente, ela encontra em seus numerosos péréplos pela Europa e América, pois é também, e ademais, Embaixadora Ibero-americana da Cultura.

Imagem: Antonio Maura e Nélida Piñon



Fotografia: Antonio Veiga. Cedida pela Fundação Cultural Hispano-Brasileira.

A VIAGEM PELA PENÍNSULA IBÉRICA

Antonio Maura: Estamos com Nélida Piñon, que acaba de chegar da Galiza. Amanhã, volta para o Rio de Janeiro, mas com muita generosidade nos concedeu parte de seu tempo para uma entrevista para a *Revista de Estudios Brasileños*. Antes de começar, eu queria perguntar pela estadia na Espanha e Portugal e que nos conte como foi esta viagem, este passeio pela Península Ibérica.

Nélida Piñon: Primeiramente, eu queria cumprimentar a todos e expressar o meu prazer de estar ao seu lado, um amigo muito querido de longa data. Defendemos as nossas estéticas, as nossas línguas com muito fervor e agora estamos aqui outra vez.

Essa viagem foi longa porque eu não parei de falar: todos os dias eu fazia discursos, conferências, entrevistas, e eu acho que a minha voz não está no seu melhor estado, mas não vai me impedir de lhe falar...

A viagem foi ótima: eu tive vários pretextos para esta viagem e a combinação de todas estas razões permitiu que eu ficasse mais tempo e emendasse tudo com muita suavidade, embora com muito trabalho para mim. O pretexto primeiro, e grande pretexto, foi o lançamento do meu livro em espanhol, pela editora Alfaguara, o livro de contos chamado “A camisa do marido”, cuja tradução é uma beleza. Eu fiquei muito contente com ela. Aliás, a primeira edição já se esgotou em menos de um mês.

Estive em Madri e tive o prazer de ser acompanhada pelo grande jornalista Juan Cruz e pela editora Pilar Reyes. Dali, eu fui para Barcelona porque eu sou membro antigo, já de quinze, dezesseis anos, do *Foro Iberoamérica*, que foi fundado por Carlos Fuentes há muitos anos. É um fórum muito original porque é uma composição interessante: empresários, políticos e

intelectuais. E tem dado certo neste período. É um lugar onde você debate ideias e suas ideias não são publicadas. Portanto, elas ensinam o que você diga muito mais, talvez, do que devesse dizer, caso a imprensa estivesse presente. De maneira que, você sai muito atualizada desses encontros em relação aos temas contemporâneos de economia, política, energia, educação. Eu participei de uma mesa dedicada à cultura e em outra sobre educação.

Depois, ainda em Barcelona, eu passei uns dias promovendo o livro: teve uma apresentação na Casa de América de Catalunha, na companhia da grande escritora e acadêmica, Carme Riera. Foi um encontro formidável: revi os amigos e houve um momento de grande emoção, que eu posso dividir com vocês. Essa é a primeira vez que eu venho a Espanha após a morte de Carmen Balcells, não só minha agente, mas uma grande amiga, uma irmã. Quarenta e cinco anos de amizade perfeita. De modo que foi muito difícil para mim. Ainda no Brasil, eu já tinha pedido à família dela, que eles alugassem um carro para eu ir à aldeia Santa Fé, em Lérida, onde Carmen está descansando, enterrada. Todos eles quiseram me acompanhar, e eu disse que não, que precisava ficar sozinha. Uma amiga da alma. E foi muito bonito. Talvez esse tenha sido o momento mais sensível da viagem, no que se refere a, vamos dizer, essa despedida real de Carmen Balcells.

Bom, depois eu fui para Lisboa, porque sou membro do júri do prêmio “José Saramago”, desde, talvez, quatorze anos. É um prêmio que elegeu grandes escritores de talento. De modo que já tem muito prestígio. Como depois tinha compromissos na Galiza, quis ir de taxi e fui vendo a paisagem. Ao contrário da viagem de avião, quando você reduz a velocidade, você vê a gradação da paisagem, mais verde, menos verde, formas mais ou menos suntuosas, você convive com a natureza. Também dessa vez, eu tive a alegria de me hospedar no Parador de Pontevedra, que é uma cidade muito bonita, elegante, antiga, tem umas ruas estreitas... Eu diria que a pátina do tempo confere à cidade um mistério. Ali eu tenho muitos amigos e foi onde começou a minha jornada em relação à promoção do meu livro. Mas, além disso, fiz uma apresentação, na livraria Paz, de um livro muito bonito chamado *Tierras de Cotobade*, que é de onde eu procedo, a minha família. E eu tinha prometido aos autores que eu viria para o lançamento do livro, para falar do livro. Vim, cumpri. E, depois, também fui para a entrega do prêmio *Relatos cortos Nélida Piñon* ao vencedor numa cerimônia muito bonita. E aí, eu tive uma grande surpresa: foi comovente. Inauguraram, também em Cotobade, terra do meu pai, uma casa de cultura chamada “Nélida Piñon”. Foi um momento de muita alegria.

Depois eu fiz palestras em Corunha, em Santiago de Compostela, eu não parei um minuto. E ontem eu fiz uma coisa muito interessante: para as pessoas que gostariam de conhecer a vida do Rio de Janeiro, na década de 1960-1970. Houve ali, no Rio de Janeiro, um restaurante mítico, lendário, chamado “Antonio`s”. O “Antonio`s” era o recanto, o lugar onde os boêmios iam, os intelectuais, os jornalistas; não havia um carioca, um visitante na cidade que não quisesse ir para o “Antonio`s”, onde havia aquela figura interessantíssima de um galego, Manolo Romar, que chega pobre e, de repente, aprende, assimila as normas da cidade e convive. É um homem de uma gentileza extraordinária. Então, ele foi o dono desse restaurante. Como à guisa de explicação, eu me lembro, as vezes que eu ia ao restaurante, eu gostava muito porque as mesas eram tão vizinhas que você participava da conversa alheia. Muitas vezes, eu conversei com Tom Jobim, com Vinicius de Moraes, grandes figuras da cultura, da criação brasileira, só que eu evitava ir muitas vezes, porque quando eu ia, ele, o dono, mandava vir flores para mim. Era um homem muito galante. Eles me convidaram agora, por esse livro que saiu ontem, para falar desses tempos e eu não podia me negar. Então, eu não faço outra coisa senão falar, querido amigo, mas estou muito contente de estar aqui com você.

A NARRATIVA COMO UNIVERSO NATURAL

AM: Como disse, Nélida, você acaba de lançar *A camisa do marido*, *La camisa del marido*, em castelhano, que é um livro que eu tive agora a oportunidade de reler em espanhol. Reconheço, como você disse, que a tradução é magnífica. Com uma grande fluidez. E a minha pergunta vai nessa direção: esse livro de relatos surge depois de quase dez anos sem que você praticasse a narração...

Nélida Piñon: Eu tenho um livro, um romance, quase pronto. Mas, eu larguei. Mas, continua, por favor.

AM: A minha pergunta era exatamente essa, mas por que agora a narração? Mas, você está falando que há um livro...

Nélida Piñon: Porque a narração, a narrativa, é o meu universo natural. Eu sou uma mulher para quem a narração é uma expressão da vida. Como também o pensamento. Eu misturo os dois grandes gêneros, as duas vertentes que se completam e me completam: pensar e traduzir o pensamento numa variação da vida, da literatura, da estética, criar modelos estéticos e analisá-los. Eu fiz livros de ensaios, livros de memórias... De certo modo, quando você lida com a memória você lida com a invenção. A memória trai. A memória não é fiel; ela não pode ser mimética porque ela empobrece aquilo que você está contando. De modo que eu acho que eu também me exercitei numa certa narrativa, na aparência diferente, também com esses últimos livros que eu tenho publicado, pois eu não deixei de publicar, eu tenho publicado o tempo todo.

Então, essa volta aos contos, *relatos cortos* como vocês dizem, eu gostei muito porque é um exercício de criação distinto. Eu acho que o grande oceano é a novela, o romance, onde tudo cabe, onde tudo é possível. É um espaço imenso que precisa ser ocupado. E que pode ser ocupado, em geral, por sagas, por épicas, por muitos personagens, personagens somados entre si, ou cada personagem que seja de um vigor muito específico é, geralmente, um arquétipo. É a soma de muitas pessoas que gera um personagem. Mas, o conto tem, por assim dizer, uma geografia pequena. Você não pode, de repente, colocar, invocar a muitas pessoas dentro dele, a não ser que você mencione a todas essas pessoas. Mas, elas não vão atuar dentro da narrativa. E além do mais, o conto pode ser eventualmente lírico, mas eu penso que o conto poderia exigir uma tensão forte. No início, você vai graduando, vai aumentando, vai intensificando, até o final. Ele tem uma espécie de epílogo, coisa que eu acho que o romance não tem tecnicamente, mas o romance deixa um lastro em você, que dá a impressão de que você terminou aquela leitura, mas em algum outro lugar aquela leitura prossegue. É isso o que eu acho do romance. O romance fica muito no pensamento do leitor. Claro que o conto pode ser algo violento, pode ser forte, tem contos maravilhosos que nunca são periféricos, são centrais, são fundacionais. Vai depender da qualidade que o seu conto venha a ter e que você tenha tido a sorte de produzir.

AM: Uma das coisas que me surpreendeu desse livro foi esse primeiro conto, que dá título ao livro, *A camisa do marido*. Eu acho que é um conto de uma força tremenda, quase cruel, porque há um assassinato, não sei se resolvido, ou se resolve na incógnita, mas que, ademais de ser um conto dramático e também coral, porque intervêm todas as vozes. Impressionou-me não somente este conto, mas todos os demais, porque todos os relatos são de uma enorme intensidade e são muito rurais também.

Nélida Piñon: Eu acho o seguinte: não é o rural pelo rural, com as vacas, os bois, as galinhas,

os cordeiros e o camponês. É outra coisa: o rural tem uma extraordinária concentração de mitos, que o urbano não tem. O urbano tem uma leveza, uma agilidade, uma presteza, uma ansiedade, um nervosismo que, para mim, não cria aqueles mitos que teriam ou deveriam ter uma ligação com o mundo arcaico. O urbano é um mundo com violências? Claro. É tudo muito difícil, mas permeado por uma miséria fugaz, tudo é fugaz. Tudo é rápido. Não te dá a sensação de uma árvore crescendo: você pode plantar uma árvore e essa árvore vai crescer para o seu filho, para o seu neto, para a humanidade. Então, eu acho que o mundo rural, com todos esses animais apascentados, a sensação que você tem é que o tempo não avança naquela presteza assustadora. E que tudo que ali está vai compondo um universo que já existiu e que talvez exista sem você se dar conta: porque ali está Nero, ali está Tucídides, ali estão historiadores como Heródoto... Eu sou uma apaixonada pelos recursos que o mundo rural, como se diz, engendra: grandes personagens. Pode ser lírico, mas em meio ao lírico há uma volúpia, do forte, do violento, do que quer permanecer para sempre.

AM: Outro aspecto, Nélide, que eu gostei muito, e que me pareceu muito importante neste livro de contos, é que praticamente todos eles estão representados por um personagem feminino, a exceção de alguns como o relato de Camões...

Nélide Piñon: Mas também há homens...

AM: Também...

Nélide Piñon: O livro *Fundador* tem personagens redondos. Quer dizer, personagens masculinos redondos. Agora, há outros livros meus que a mulher aparentemente tem certa discricção, mas tem uma atuação forte. Eu fiz mulheres distraídas, cuja distração tinha uma filosofia de resistência: ela simulava dar atenção ao homem, que lhe impunha procedimentos, comportamentos, dava-lhe ordens. Ela fingia atender, mas de uma forma tão distraída que ele via que não conseguia nada com ela. A distração era uma proteção, um escudo para a mulher. Às vezes, a distração é um escudo. E houve personagens, mulheres, muito mais fortes, é claro. "Caetana", por exemplo, era uma figura forte. Várias mulheres. Eu acho que há um equilíbrio. Mas, a época, às vezes, uma história pede que aquele personagem tenha um destaque. Alguma cena que o favorece, que permita que ele atinja as culminâncias dos sentimentos, do erotismo, como *A casa da paixão*. Marta é uma figura que manipula os homens através do erotismo e do controle do desejo... Então, eu acho que tem muito a ver com a história a ser contada. Há histórias que pedem que alguém tenha maior peso narrativo e, às vezes, histórias nas quais há um equilíbrio... Vamos dizer, você reparte a cena, a presença na cena. Mas, de todos os modos, eu acho importante que a mulher possa ser registrada de forma narrativa por uma mulher, não para tomar partido porque eu não acredito nisso.

Eu acho que a escritora mulher deve ter condições em relação à humanidade, ao entorno humano, para escrever igualmente sobre homens e mulheres com a mesma competência. Porque se ela não tiver competência para falar dos homens, os homens não têm competência para falar das mulheres. Então, quando o Flaubert dizia *Emma, c'est moi* é porque ele sabia que estava preparado para falar como uma mulher. O escritor importante, o escritor que tem amor à literatura, ele sabe que deve ser do seu empenho invadir a psique e o corpo humano seja como for. Deve ter uma voltagem protéica, de Proteu. É uma coisa que eu digo muito: um escritor não pode se permitir uma evasão, ausentar-se da sala, ausentar-se do corpo das pessoas. O meu desejo é invadir o corpo de todo mundo, não como uma apropriação indevida, mas para poder entender quem somos nós. Repartir o meu poder de percepção, de entendimento, o meu comprometimento com a vida entre homens e mulheres. Se não for assim, é um fracasso. Assim, você vai ficar com uma literatura doce e o outro com uma literatura

de um preconceito contra o personagem feminino. Então, esse equilíbrio é muito difícil, mas há que acreditar na alteridade. E, para sustentar essa alteridade, eu defendo a ambiguidade. A ambiguidade não precisa definir, mas diz ao que se veio. Você vê: Machado de Assis era um mestre em ambiguidade.

AM: Machado, a quem está dedicado o livro...

Nélida Piñon: Pois é... Ninguém nunca dedicou um livro a Machado de Assis... Nenhum brasileiro. Nunca. Eu fiquei tão emocionada quando eu tive essa idéia, ao mestre de todos nós... Eu fiquei: "Meu Deus, Nélida, que beleza...", eu costumo dizer, agora brincando, mas com todo o carinho e respeito, que foi a pombinha, a *palomita*, que me ajudou a pensar.

AM: Certamente, neste livro de contos, há três nomes de três importantes escritores: um deles, como comentamos, é Machado, mas também tem Cervantes e Camões.

Nélida Piñon: E personagens históricos como Carlos V.

AM: Certo, Carlos V também... Vejo neste livro uma enorme presença ibérica. Não somente porque há relatos que falam da zona rural da Galiza, mas também por as referências espanholas: Cervantes, Carlos V...

Nélida Piñon: Carlos I... e V do Sacro Império...

AM: E o próprio Camões, que no décimo canto de *Os Lusíadas* menciona o Brasil só uma vez...

Nélida Piñon: Eu exploro isso. É verdade. Mas, acontece que esse livro, você percebe só: há uma genealogia familiar. É uma história sobre a família, para o bem e para o mal. Tanto que eu digo em vários lugares, e também foi muito citado aqui, que a família te beneficia ou te arruína. E o pior: você não se livra dela, é para o resto da sua vida. Você vai arrastar essa família, mesmo que você a tenha anulado, até o final. Por exemplo, você pode chegar para um juiz e pedir que elimine o seu prenome. Eu sou Nélida, eu não quero ser mais Nélida, mas o sobrenome eu não posso. Nenhum juiz vai deixar você fazer isso. Você vai ficar com o seu sobrenome, que é a marca, o estigma da família até o final da sua vida. Portanto, de certo modo, a *cuna* anuncia o seu túmulo. Ai, meu Deus, como eu gostei disso agora...

AM: Risos...

Nélida Piñon: Mas, é a família que faz a trajetória. Nós somos muito a família. Além da família sanguínea, nós somos seres gregários: nós nos unimos em tribo entorno ao campo de futebol, entorno das nossas carências. E as nossas carências passam pelo convívio humano, mesmo o fracasso do convívio. Que não é fácil.

AM: Antes, você comentava que esse retorno à narrativa não foi tão insólito porque você já estava trabalhando num romance, e mais: continua trabalhando em vários livros... Gostaria que comentasse sobre os seus projetos imediatos.

Nélida Piñon: Olha, os projetos existem a partir do momento em que eles são publicados. Antes, há uma certa fabulação, uma certa fantasia. Mas, de verdade, eu estou com um livro de ensaios pronto, que eu ando só limpando para entregar para o editor. Eles querem muito um livro de frases curtas, de efeito real.

AM: De aforismos...

Nélida Piñon: Exatamente, que tenha consequência. E, além de outras coisas mais, eu quero retomar esse romance: forte, fortíssimo...

AM: Pode falar sobre ele?

Nélida Piñon: Não, não posso. Mas, é forte. Quem leu os primeiros capítulos foi Carmen Balcells. Eu me lembrei disso agora. Ela ficou horrorizada. Risos...

AM: Risos...

Nélida Piñon: Mas, ela gostou muito, disse: "Que força, meu Deus!". Ela adorou esse livro. Essa lembrança eu tenho dela. A Carmen era uma grande leitora. Para te dar uma ideia, saiu agora no Brasil, a edição comemorativa dos trinta anos da *A república dos sonhos*. E quem fez um ensaio longo, por sinal, um belo ensaio, foi o romancista Alberto Mussa que ela leu em português e gostou muito. E ela ficou tão impressionada com o significado do que eu era como escritora, desculpe dizer isso, mas foi o que ela me disse... Dizia: "Mas é uma coisa fantástica, a sua obra...", aí ela começou: "Eu sempre apostei por você"... Foi muito bonito.

AM: Esse artigo que comenta foi publicado no Brasil?

Nélida Piñon: Está no livro. Na edição brasileira. Na entrada do livro. Tanto que agora no dia 18 de novembro [de 2015] vai haver uma espécie de lançamento do livro, mas vai ser uma pequena celebração e vai haver um debate para o público, com Alberto Mussa e a minha pessoa.

AM: Outra coisa que eu creio que vai interessar a muitos espanhóis e a estudantes brasileiros é conhecer a opinião de Nélida Piñon sobre o estado atual da literatura brasileira.

Nélida Piñon: Bom, eu acho que é uma literatura em progresso contínuo, que não deixou vácuos, vazios. Pode ainda não ter surgido entre os mais jovens algo espetacular, mas estão surgindo autores que têm uma dimensão narrativa mais ou menos brilhante... Eu acho que, além do mais, é impressionante a quantidade pessoas publicando, escrevendo, pensando de forma narrativa, acreditando na literatura sendo brasileiros e vivendo no Brasil. Isso eu acho admirável. Outra coisa: com características próprias e produzidas nas diversas geografias do Brasil. Há pessoas que fugiram do eixo Rio - São Paulo. Isso é realmente de se louvar.

AM: O que você acha que vai deixar como escritora e como pessoa no Brasil e no mundo?

Nélida Piñon: De repente, a gente se assusta quando fala de herança, de *herencia*, porque já supõe a minha morte. Eu acho que, talvez, eu espero deixar um bom exemplo. Eu acho que vou deixar uma obra séria, eu vou deixar paradigmas. Eu fui uma mulher atuante; eu fui uma mulher, estou sendo ainda, uma mulher que amou a literatura acima de tudo, que não fez concessões, que defendeu a narrativa, o ofício do escritor com unhas e dentes, que defendeu a elegância moral do escritor... Eu acho que essa herança, talvez, eu deixe. Mas, quem vai dizer é o futuro. Você pode ter essa pretensão, mas isso, nem os seus contemporâneos podem afirmar, mas os que virão depois. Alguém pode descobrir sua obra, achar que ela pode ser prorrogada, que merece ser lida e merece ser estudada. Então, eu entrego tais desígnios ao futuro.

AM: Num artigo de uns anos atrás, nosso amigo em comum e também acadêmico, Domício

Proença [atualmente o presidente da ABL], lhe perguntou sobre *A república dos sonhos* e você afirmou que era a sua “suma teológica”. Não sei se você se lembra dessa resposta?

Nélida Piñon: Perfeitamente.

AM: Então, eu quero que me fale sobre essa suma teológica, porque há uma Nélida, da qual falamos antes, que equilibra personagens masculinos e femininos, mas há uma Nélida teológica, por dizer de alguma maneira, uma Nélida religiosa que, inclusive, escreveu essa “suma teológica”.

Nélida Piñon: Não acho que há uma Nélida religiosa. Há uma Nélida interessada em Deus. Na história de Deus ao longo da humanidade. O cristianismo. Um cristianismo que, talvez, no século III ou século II, era incipiente de algum modo e que entrou em confronto com o paganismo então existente. O que deu nesse encontro, nesse confronto entre o paganismo ainda existente em muitas mentes e o cristianismo é algo extraordinário. Eu acho que foi um momento de excepcional liberdade: você adorar a vários deuses e aceitar os desígnios propostos por Cristo. Então, o mundo da crença, da religião, eu prefiro dizer da credulidade, da invenção dos deuses, do próprio Cristo, é extraordinário, porque pautou condutas civilizatórias. Tanto a partir dos gregos e de outras civilizações, como a partir do cristianismo. Se você lê, por exemplo, Paulo, que é tido como misógino, o que eu acho uma loucura... Paulo não era misógino. Paulo era um gênio. O que me interessa é o pensamento de Paulo, o pensamento de Augustinho, de Tomás de Aquino, daí eu ter falado da “suma”, porque foram homens que representaram o seu tempo, a barbárie do seu tempo, o pensamento do seu tempo. E que não permitiram, talvez, que a Europa fosse algo que ela não é. Ajudaram a fazer da Europa o que nós conhecemos dela. De modo que a ideia do pensamento teológico me fascina de verdade. Estávamos falando de Paulo, que nas encíclicas, nas cartas, em Coríntios, encontra a chave da expansão do cristianismo. Quando ele diz, por exemplo, que basta circuncidar a alma. Os gregos iam se circuncidar, cortar o prepúcio? Ele diz assim, então... Olha que gênio! Basta circuncidar a alma. Com isso, todo mundo poderia abraçar o cristianismo. Eu acho que tudo isso faz de mim a escritora que eu sou porque eu tenho formação para circular nas diversas civilizações. Você não pode, como escritor, ter uma formação acanhada. Você tem que ter circulado pelos oceanos, pelo Atlântico, pelo Pacífico, pelo Índico... Eu falo metaforicamente, não é? Você tem que, de algum modo, alimentar, fomentar a sua imaginação. A imaginação nasce pequena. Eu acho isso. Tanto que é muito comum achar autores que no segundo livro a sua imaginação já decresceu. Então, você tem que passar o resto da sua vida alimentando a imaginação. Como? Com analogias, com feitos históricos, com comparações. Fermentar aquilo que estava escondido, que estava subjacente. É a história da humanidade. Se você mergulha num século, você vê figuras fantásticas, que podem incentivar até outros personagens. Até você se dar conta de que, de verdade, as tragédias gregas estão entre nós. Elas não desapareceram, só que, muitas vezes, as nossas tragédias não têm a eloquência de Eurípedes.

AM: De fato, este livro que você acaba de publicar na Espanha, tem muito da tragédia grega...

Nélida Piñon: Muito! Eu sou muito influenciada pelo teatro grego. E pelo teatro do mundo: porque eu assisti espetáculos muito cedo. Eu sempre achei que aquelas histórias, aqueles fatos humanos, aquelas pequenas epopeias, por dizer alguma coisa, que não pudessem ser transplantadas no palco ou representadas no palco, eram uma falsidade ideológica. Eu sempre pensei que a história da humanidade, o percurso aventureiro do ser humano pode ser narrado. A vida é narrável. Não há nada que não se escreva, desde que você acredite que é possível captar o sentido das coisas e que você procure entender que não é o seu dever esclarecer, é seu dever insinuar.

AM: Lembro que uma vez falamos em Salamanca de uma autora, que eu considero uma figura fundamental, não somente como mulher e como escritora, mas como pessoa íntegra. Refiro-me a Teresa de Jesús. Eu queria que dissesse umas palavras sobre essa figura, pois, além disso, você está muito ligada a ela.

Nélida Piñon: Vai sair um livro agora no Brasil, você soube?

AM: Não, não sabia...

Nélida Piñon: Organizado pelos espanhóis, pela Embaixada da Espanha. E eles pediram que eu fizesse o prólogo. Eu consegui fazer o texto, cinco páginas que escrevi aqui na Espanha e mandei. Vai sair agora. Em dezembro [de 2015] vai ser o lançamento. A Teresa era uma vanguardeira. Era de um pensamento de vanguarda. Ela tratava a Deus com igualdade. Só isso é um milagre. Porque, de um modo geral, os homens, os seres humanos, esse Deus como você queira imaginar, eram submissos a Deus, eram suplicantes, mendicantes. Ela não. Ela criticava Deus, por isso ela dizia que Deus estava num *puchero*. Então, essa capacidade de oralidade dela, que ela conversa em pensamento, isso é uma coisa muito rara. Eu vivo buscando a oralidade. Há uma certa oralidade no meu texto, sobretudo na *República*, o mundo das aldeias, você tem que entrar no mundo rural, captar essa oralidade, ainda que sofisticada. Teresa tem o esplendor da oralidade. Eu acho. Sem falar, por exemplo, na crença na levitação. É uma maravilha que ela acreditasse que podia levitar. Se ela acreditava é porque ela tinha asas. Porque ela tinha poder. Porque ela competia com Cristo. Ela fazia milagres. Eu sou uma admiradora do pensamento dela, da escritura dela, dessa mulher que saiu pelo mundo daquela região de Ávila, e olha que princípio tão extraordinário: vai restaurando capelas abandonadas. Ela dá vida ao que é ruína. Isso, metaforicamente, é maravilhoso. Ou seja, ela segura a vida posterior à morte.

AM: Para finalizar, eu gostaria de lhe perguntar: você, que está muito ligada a Catalunha e cuja grande amiga foi a agente Carmen Balcells, como vê a situação política dessa região, ou território, da Península Ibérica?

Nélida Piñon: Eu posso dizer assim, numa frase que eu já disse: eu não posso imaginar Espanha sem Catalunha e não posso imaginar Catalunha sem Espanha.

A entrevista chega a seu fim. Nélida, com o aspecto cansado, mas enérgico, sua delicadeza não isenta de sinceridade, se despede, pois tem que se levantar muito cedo para continuar a sua viagem. Ao ir embora, deixa uma revoada de vozes, de frases, de verdades sugeridas e ditas, pois a palavra faz possível a existência do homem e das coisas que habitam o mundo. E ela é uma fábrica de palavras.

APÊNDICE

Títulos publicados em espanhol

La camisa del marido. Barcelona, Alfaguara, 2015.

La república de los sueños. Barcelona, Alfaguara, 2013.

Libro de horas. Barcelona, Alfaguara, 2013.

Corazón andariego. Barcelona, Alfaguara, 2009.

Aprendiz de Homero. Barcelona, Alfaguara, 2008.

Voces del desierto. Barcelona, Alfaguara, 2005.

El calor de las cosas y otros cuentos. Fondo de Cultura Económica, 2005.

El calor de las cosas y otros cuentos. México, 2000.

La fuerza del destino. Projeto Periolibro nº 38 UNESCO/ Fondo de Cultura Económica, 1995.

La Republica de los sueños. Colombia, Norma, 1992.

La dulce canción de Cayetana. Madrid, Mondadori, 1990.

La fuerza del destino. Barcelona, Versal, 1990.

Sala de Armas. Argentina, Plus Ultra, 1983; Cuba, Arte y Literatura, 1989. Barcelona, Planeta de Agostini; Cadena de Hoteles NH, 1996.

Tebas de mi corazón. Madrid, Alfaguara, 1978.
Fundador. Buenos Aires, Emecé, 1973.